

Gnosticismo

Gnosticismo. um termo derivado do grego γνῶσις, conhecimento, e aplicado de modo variado a movimentos dentro, ou relacionados ao Cristianismo primitivo.

1. Conotações. Até muito recentemente o termo era geralmente aplicado de forma coletiva à maioria daqueles movimentos do 2º séc., que se denominavam cristãos, ou que em grande medida, tomavam emprestado das fontes cristãs, mas que foram rejeitados pela principal corrente da tradição cristã (representada em pais como Irineu, Hipólito e Epifânio). Nenhum dos pais ou dos próprios grupos, no entanto, aplicam o título neste sentido, os primeiros usaram-no somente para certos grupos e indicavam simplesmente todas “as heresias”, o último uso foi o nome distinto de um grupo em particular. Há, contudo, algumas características comuns, entre elas uma preocupação dominante para com o conhecimento. Uma vez que estas características comuns (indicadas abaixo) aparecem em algumas outras formas de religião helênica contemporânea, e visto que esta preocupação para com o conhecimento é evidente no NT, há atualmente uma tendência para usar este termo de forma mais ampla. Alguns empregam este termo para qualquer forma de ensino dualista com princípios nitidamente opostos de bem e mal, que oferece o conhecimento como uma chave para a luta, e outros o aplicam ao mito do redentor supramundano encontrado em algumas formas de religião helênica, aparentemente derivadas de fontes orientais, provavelmente iranianas. A partir de diferentes pontos de vista, portanto, o termo tem sido aplicado à seita de Qumrã, a Paulo, ao quarto evangelho e aos pais alexandrinos. Parece ser melhor, no momento, utilizarmos o termo para movimentos cristãos e pós-cristãos do 2º séc., sem prejudicar a questão de seu significado para as origens cristãs.

2. As características comuns do Gnosticismo. Qualquer pessoa que ler os livros de Irineu ou Hipólito contra as heresias ficará chocada com a ampla variedade destes movimentos; há sistemas gnósticos que testam as exigências intelectuais, outros que confiam em algo que não faz sentido e em truque de prestidigitador. Há líderes gnósticos que são (de modo muito relutante) acéticos magnânimos, e outros que são charlatões desenfreados. Todavia, todos eles oferecem conhecimento — e de uma forma ou grau que não pode ser encontrado fora de seus ensinamentos. Esta preocupação com o conhecimento une a mais alta e a mais baixa forma de gnosticismo. Em suas formações mais baixas, o conhecimento oferecido diz respeito simplesmente ao poder e aos segredos do futuro — os mesmos tipos de coisas para as quais as pessoas consultavam astrólogos e videntes, entretanto colocando num ambiente religioso. Nas formas mais elevadas, refere-se à especulação abstrata, atracando-se com problemas que eram obstáculos para os pagãos instruídos: como surgiu o bem e o mal no mundo, e como eles se relacionam com Deus? Às vezes, também, é o conhecimento especial sobre Jesus que é proferido, como a base do secreto, fontes rigorosamente guardadas. O conteúdo essencial do conhecimento, oferecido em muitos dos sistemas que conhecemos, está resumido em uma passagem preservada em Clemente de Alexandria: “quem fomos, o que devemos nos tornar, o que fomos, onde fomos colocados, para onde nos apressamos, de que somos redimidos, o que é o nascimento, que é renascimento” (*Excerpta es Theodoto* 78.2). Nisto está implícito o pensamento da alma individual que entra no mundo vindo do lado de fora e passa por ele: e o gnóstico busca a chave tanto para as origens do mundo mal quanto para a salvação dele.

O conhecimento e a salvação eram palavras-chave de muitas religiões do 2º séc.: isto era o que as pessoas queriam das religiões de mistério e explica sua popularidade contemporânea. Os mestres gnósticos procuravam responder a estes anseios de um modo que fosse tanto cristão quanto compatível com as suposições básicas sobre Deus e o mundo sustentado pela maioria das pessoas daqueles dias. Estas suposições podiam ser formadas pela filosofia, mitologia ou astrologia contemporâneas; e em sistemas gnósticos diferentes estes fatores aparecem em graus diferentes. O que eles têm em comum é o desejo de serem contemporâneos.

Não havia nada peculiarmente gnóstico nas suposições comuns: estas podem ser encontradas, por exemplo, no escritor anticristão Celso, a quem ninguém podia referir-se como gnóstico. Celso acreditava que Deus é tão totalmente transcendente que ele não pode ter nenhum contato direto com o mundo; que a matéria é inerentemente má e não pode ter nenhum contato com Deus; e que os homens, ou pelo menos alguns homens, têm dentro de si uma centelha do divino que está agora encarcerada na prisão material do corpo. O homem é, assim, uma criatura de origem mista, uma mistura de incompatibilidades. (*Origenes, Contra Celsum*, passim). É por estas razões que Celso considera o Cristianismo autocondenável: a reivindicação de que Deus tornou-se homem é impossível, uma vez que Deus e a matéria não podem se misturar. (Os mitos antigos falavam de deuses aparecendo em formas humanas: ninguém sugeriu que eram

humanos enquanto nestas formas.). Os gnósticos, contudo, estão tentando ajustar as suposições de Celso com a proclamação cristã. Não surpreendentemente, ambos devem doar algo: as proporções, e assim o grau de aproximação do Cristianismo tradicional, varia em sistemas diferentes. Em alguns, como o sistema de Valentino, (que foi um sério candidato ao bispado em Roma), uma confissão cristã um tanto ortodoxa poderia ter sido feita, embora houvesse pouco espaço para ela no sistema em si; em outros, como (aparentemente) a seita ofita, toda a pretensão de dar continuidade à principal corrente do Cristianismo foi deixada de lado, embora isto não impeça empréstimos, em grande escala, da Bíblia e da tradição cristã. E, obviamente, os movimentos evoluíram e mudaram; Basíledes, por exemplo, parece ter sustentado um ponto de vista cristão ortodoxo razoável (Hipólito *Refutation* 7.26); mas em cinquenta anos, Irineu nos diz que os seguidores de Basíledes acreditavam que Jesus nunca fora crucificado. (*Against Heresies* 1.19.11s.).

Quanto ao movimento como um todo, contudo, podemos dizer: (a) Ele é racionalista. Está buscando responder perguntas que estão fora do escopo do AT e das testemunhas apostólicas, e fazer suposições inteiramente não-bíblicas. (b) Ele é místico, no sentido de buscar a identificação com e a absorção no divino (veja, por exemplo, a liturgia ofita espetacular por Orígenes citada pela Origem, *Contra Celsus* 6.31). (c) Ele é mitológico, empregando um sistema de mitologia para expressar a verdade, como um suprimimento essencial para (ou, em alguns casos, substitui) a tradição bíblica.

3. O ponto crucial do Gnosticismo. O choque entre as suposições cristãs e as gregas chamou a atenção para a origem do mal no mundo. Para aqueles que construíam sobre as suposições gregas, isto poderia ser formulado da seguinte forma: Como a alma originalmente divina tornou-se encarcerada na matéria, e como ela pode fugir? Para os mestres que acreditavam no amor e na bondade de Deus, isto propõe problemas particulares. A resposta mais comum é dar um esquema mitológico, no qual a redenção torna-se um drama encenado entre as forças cósmicas — “os principados e potestades” do NT — as forças astrais em muitas das religiões contemporâneas.

4. A revisão da teologia cristã. A tradição cristã central, representada nos apóstolos, manteve as características peculiares da fé judaica, da qual se originou: monoteística, histórica, escatológica, ética e exclusiva. O Redentor continuou a ser chamado de “Cristo”, uma tradução direta do hebraico “Messias”. A preocupação judaica com as intervenções de Deus na história humana foi conservada e ampliada — a pregação concentrando-se de fato, nos eventos históricos da vida, morte e ressurreição de Jesus. Embora a lei tenha sido abandonada, a ideia de um compromisso moral diretamente observada por Deus permaneceu. A crença, peculiarmente judaica na ressurreição e no julgamento final, foi conservada e as Escrituras judaicas continuaram a ser lidas. Embora a ideia de um povo de Deus, definida pela descendência física, desapareceu, a solidariedade de um único “Israel de Deus”, em continuidade ao Israel do AT significava a consciência contínua de uma única comunidade adoradora, uma “terceira raça” ao lado dos judeus e dos gentios. A reformulação gnóstica foi obrigada a chocar-se com todos estes elementos.

a. A doutrina de Deus. Deus é concebido como afastado de toda a criação material. Esta fenda é preenchida por uma hierarquia de seres intermediários, em uma ordem descendente de magnitude. Estes são eões, geralmente unidos em pares de sizias (geralmente macho e fêmea), e são chamados coletivamente de “o *pleroma*” (plenitude). O mais antigo pode ser o resultado do ato criador de Deus; os outros emanam dele. Há mitos diferentes quanto à origem de nosso mundo; mas todos concordam que foi um erro, um acidente, a obra de um ser ignorante ou a brincadeira de um antideus. Uma imagem do universo material é aquela do aborto autogerado por um desejo desordenado de um eão fêmea (*Sophia* “sabedoria”); e alguns sistemas tentam reconciliar esta concepção com passagens como João 1.3, descrevendo o Logos na criação como dando forma ao aborto disforme, o qual, desta forma, combina com os princípios de bem e mal. Em outros sistemas, do qual o mais influenciável foi o de Marcião, a criação é obra de um Demiurgo, uma divindade inferior.

b. O Antigo Testamento. Claramente este esquema não reflete o Deus Criador/Vingador do AT. Consequentemente, mestres como Cerdo e Marcião abandonam francamente o AT, e consideram-se como libertando a Igreja dos grilhões dos judaizantes. Uma vez que uma pessoa consegue realmente ser radical com o AT sendo realmente radical com o NT, muitos dos que desejaram manter contato com os escritos apostólicos foram forçados a tentar acomodar o AT. Uma longa e cuidadosa carta da teologia valentiniana de Ptolomeu (em Epifânio, *Panarion* 33) oferece uma divisão tripartida do AT: parte é de Deus, parte de Moisés agindo como um legislador; parte era dos anciãos; parte é eterna, ainda que incompleta; parte era temporária e agora está abolida; parte é simbólica, e agora está transformada.

c. A natureza da autoridade. O Ptolomeu, já mencionado, diz a seu correspondente, “Você aprenderá a ordem e a origem a todos estes (eões) se você se julga digno de conhecer a tradição apostólica que temos recebido por sucessão, juntamente com a confirmação de todas as nossas palavras pelos ensinamentos do Salvador”. Isto é, ele está exigindo o acesso à fonte superior do conhecimento secreto. Gnósticos valentinianos e outros de “direita” louvaram da boca pra fora a mesma autoridade que a principal corrente da Igreja: o Senhor e seus apóstolos. Eles tiveram que mostrar que possuíam conhecimento confiável transmitido pelos apóstolos (e desta maneira, por último, do Senhor), o qual outros cristãos não possuíam. Os valentinianos reivindicavam uma tradição de um discípulo de Paulo chamado Teudas; os basilidianos de Pedro através de um Glauquias, e de Matias. Grupos mais exóticos frequentemente escolheram Tiago, o irmão do Senhor, como sua fonte, ou Tomé (*Didimo*, “o gêmeo” sendo tomado como o gêmeo do Senhor) como estando muito próximo da pessoa do Salvador. O agora famoso Evangelho de Tomé (Ditos 12) insinua que Tomé é a fonte de tradição superior a Mateus e Pedro, os apóstolos associados aos primeiros dois evangelhos.

d. Encarnação e expiação. Se a transcendência de Deus implica na impossibilidade de seu contato com a matéria, como poderia Deus tomar um corpo humano, ainda menos sofrer em um? Há várias respostas gnósticas, dependendo do grau de aproximação à tradição cristã central. Alguns rejeitam a ideia de encarnação como um todo: Cristo era somente uma “aparição” de Deus em forma humana. Ele somente *pareceu* sofrer. Outros falaram do Logos divino repousando no justo, mas humano, Jesus — mas sendo levado à Paixão (o grito de abandono, Mc 15.34, foi considerado ser evidência disso). Outros novamente usaram a linguagem tradicional, mas não enfatizaram os eventos históricos da encarnação, mas as relações entre os elementos desordenados do *Pleroma*, que a encarnação corrigiu. Para Basílides o fato importante parece ser que Jesus tinha dentro de si todos os elementos da criação; sua paixão está relacionada à ordem desta confusão (Hipólito *Refutation* 7.27). Ele está basicamente interessado na questão, De onde vem o mal? ao invés da questão, Como o pecado é perdoado? Igualmente, Valentino, no *Evangelho da Verdade* (descoberto em Nag Hammadi), usa a linguagem tradicional sobre a cruz sem encontrar um lugar limpo para este evento muito mundano neste complexo drama da redenção entre os eões.

e. Pecado e salvação. O mal está associado à matéria, ignorância, deformação, deturpação. Consequentemente, a salvação é lançar fora a profanação em vez de receber o perdão por ofensas. A salvação vem como uma iluminação que dissipa a ignorância, triunfando sobre o material. O Evangelho é principalmente um meio do homem *conhecer* a verdade; os corpos cósmicos recebem a mesma instrução.

f. Julgamento e ressurreição eram fontes constantes de dificuldades para aqueles que procuravam a *saída* do corpo na imortalidade. A ressurreição, e toda a dimensão escatológica associada a ela, está, obviamente, faltando nos esquemas gnósticos.

g. A igreja e a vida cristã. Algumas escolas dividiam a humanidade em três, de acordo com o elemento predominante em suas constituições — o material (que estava sem salvação), a “psíquica” que poderia receber alguma purificação, e a espiritual, a elite capaz de receber os mistérios profundos. Naturalmente a terceira classe eram os gnósticos, a maioria dos cristãos formava a segunda classe. A igreja torna-se o clube dos iluminados, não a sociedade dos redimidos. A concepção de que a matéria é o assento do mal, conduz ao ceticismo, celibato e vegetarianismo em alguns sistemas, e paradoxalmente à licenciosidade em outros, onde a “liberação” da matéria significava que seus efeitos eram inconsequentes.

5. A origem do Gnosticismo. Pesquisadores continentais têm frequentemente argumentado que o Gnosticismo possui uma origem pré-cristã, a figura de um redentor cósmico tomada de fontes orientais, especificamente iranianas, que são também a fonte primária de seu dualismo. Alguns até o veem como a essência do Cristianismo dos gentios (de fato, paulino) como uma sobreposição do Redentor Gnóstico sobre o Jesus histórico. No entanto, ninguém ainda mostrou que o Redentor Gnóstico tenha existido antes da era cristã, e os documentos do Qumrã têm mostrado que a linguagem de Paulo e João sobre o conhecimento estava firmemente enraizada na tradição judaica. R. M. Grant sugere que o Gnosticismo em si é de origem judaica: o fruto da especulação não ortodoxa trabalhando sobre uma estrutura apocalíptica, queda de Jerusalém, em 70 d.C. fez ser reavaliada. Certamente os documentos de Nag Hammadi sugerem o efeito da especulação judaica. A “heresia colossense” combinou características judaicas e ascéticas, atividades filosóficas e veneração de poderes astrais (CI 2.16-23), e quando Paulo fala de todo o *pleroma* habitando em Cristo (CI 1.19), é tentador vê-lo tomando a palavra que os gnósticos usaram em seu esquema de seres intermediários, desinfetando-a e substituindo-a, por assim dizer, por Cristo. Mas nem os colossenses, nem os coríntios, ou os grupos atacados nas epístolas pastorais ou em 1 João, mostram um sistema gnóstico do tipo refletido nos movimentos do 2º séc. Os coríntios deleitaram-se indevidamente no conhecimento (1Co 8.1; 13.8) e na sabedoria (1Co 1.17), estavam infelizes com a ideia

de ressurreição (1Co 15), incluindo tanto aqueles que questionavam se um cristão deveria casar-se (1Co 7) como aqueles cuja “liberação” os tornava indiferentes à ação de seus corpos (1Co 6.12-18). Outros possuíam “a falsamente chamada” *gnosis* (1Tm 6.20), mitologias e genealogias (1Tm 1.4), espiritualizavam a ressurreição (2Tm 2.18), brincavam com as “fábulas judaicas” (Tt 1.14) e conheciam tanto o asceticismo austero (1Tm 4.3) como complacências sexuais (2Tm 3.6). Os anciãos temiam que os mestres de um “fantasma” docético de Cristo (1Jo 4.1-3). Tudo isso mostra quão fértil solo a Igreja Primitiva fornecia para o ensino gnóstico; mas não mostra nenhum sinal do Gnosticismo sistematizado do 2º séc.

A literatura hermética, dentre a qual há algumas características pré-cristãs, com a sua busca mística por iluminação e renascimento, também lembra frequentemente um dos documentos gnósticos; e as religiões de mistério (com problemas notórios de materiais datados que as apresentam) fornecem outros paralelos. Tudo isso simplesmente reflete o que foi indicado anteriormente, que o Gnosticismo foi um fruto natural do 2º séc. de buscas religiosas do mundo helênico, com suas suposições gregas, religião oriental e fatalismo astrológico. Essas tendências não constituíam um sistema, mas, no contato com um sistema ou pregação articulada, eles eram capazes de formar um. Entrando em contato com o Cristianismo, eles tomaram o Redentor cristão e *gnosticizaram-no*, pegaram a pregação cristã e tiraram-na das raízes do AT, pegaram a tradição bíblica e procuraram fazê-la responder os problemas da filosofia grega, pegaram as convicções cristãs sobre o fim e expurgaram características judaicas ofensivas como a ressurreição e o julgamento. O Gnosticismo era parasita, e tomava a sua forma de um sistema ao qual se fixava. Observado por outro ponto de vista, era cultural, um resultado de uma tentativa de digerir e “primitivizar” o Cristianismo. Não deve nos surpreender, portanto, que algumas das mesmas tendências apareçam em outros cristãos do 2º séc., mesmo entre aqueles que ocasionaram a derrota eventual do Gnosticismo cristão. Pode ser difícil para nós que temos formação em outra forma de pensar, o qual não tem as mesmas suposições inerentes, entender as atrações do sistema gnóstico, ou as agonias e dificuldades de muitos teólogos cristãos da corrente principal. É uma medida de sua grandeza que, compartilhando de muito da intelectualidade gnóstica, pela fidelidade ao Cristo histórico e a tradição bíblica, eles produziram um “primitivo” pensamento cristão greco-gentio, que conservou a pregação primitiva e as Escrituras como um todo.

Sendo um fenômeno crescente, essencialmente a partir de uma situação histórica e cultural particular, o Gnosticismo provavelmente não sobreviveria daquela forma por muito tempo. A crise gnóstica veio com a ascensão do iranismo genuíno, uma religião de Mani (277 d.C.) radicalmente dualista, a qual foi espalhada pelo Império Romano a partir do 3º séc. O maniqueísmo certamente enfrentou os cristãos gnósticos com uma escolha crucial: não poderia ser possível ficar no meio termo entre a corrente principal do Cristianismo e os livros de Mani.

6. As fontes do Gnosticismo. Até anos recentes, os escritores gnósticos eram conhecidos quase que exclusivamente por intermédio dos escritos de seus opositores. Dentre eles, temos Irineu, *Against Heresies*; Hipólito, *Refutation of All Heresies*; e Epifânio, *Panarion*, os quais nos oferecem trechos de bons tamanho dos escritos gnósticos. Nos últimos vinte anos tem ocorrido uma gradual publicação de itens de uma biblioteca gnóstica descoberta em Nag Hammadi, no Egito, contendo uma tradução cóptica de obras de caráter bem diversificado. Esta inclui também muitos escritos além da tradição cristã e alguns maniqueanos, como por exemplo, o *Evangelho da Verdade*, provavelmente de Valentino, e o *Evangelho de Tomé*, que consiste em ditos atribuídos ao Senhor ressuscitado e inclui diversas variantes gnósticas sobre ditos sinóticos. Embora ainda haja tanto para ser feito no estudo destes documentos, a conclusão que emerge até então, é que os pais primitivos, com toda sua linguagem afiada, dificilmente nos direcionam erroneamente.

BIBLIOGRAFIA. H. E. W. Turner, *The Pattern of Christian Truth* (1954); R. Bultmann, *Primitive Christianity in its Original Setting* (trad. ing. 1956); R. McL. Wilson, *The Gnostic Problem* (1958); R. M. Grant, *Reader in Gnosticism* (1961); H. Jonas, *The Gnostic Religion*, 2 ed. (1963); R. M. Grant, *Gnosticism and Early Christianity*, 2 ed. (1966); R. McL. Wilson, *Gnosis and the New Testament* (1968); W. Schmihals, *The Office of Apostle in the Early Church* (trad. ing. 1971) 114-230.

A.F.WALLS

Enciclopédia da Bíblia da Editora Cultura Cristã, vl. 2.